

M.S. Lourenço, *Wikipédia* e filosofia matemática

Nuno Jerónimo
(Universidade de Lisboa, CFCUL)
nmfjeronimo@gmail.com

*Mein teurer Freund, ich rat Euch drum
Zuerst Collegium Logicum.*
J. W. von Goethe

Quis a Fortuna que tivesse colaborado com o Professor Manuel dos Santos Lourenço (1936-2009)¹ em três projectos electrónicos, na condição privilegiada de seu assistente ou, digamos assim, editor (*online*). Significa isto que eu detinha a responsabilidade de ser o primeiro leitor dos seus “manuscritos” – a maioria redigida no popular *Microsoft Word*. A minha leitura incluía a selecção de um conjunto de questões relativas ao conteúdo ou à forma do texto original. Estas podiam ser, por exemplo, a verificação das justificações lógicas dos passos de uma demonstração ou a correcção de pormenores tipográficos ou de sintaxe. O Professor Lourenço, em casa, fazia outras alterações ao documento inicial e decidia, em paralelo, o destino do meu conjunto organizado de questões. Por fim, cabia-me reunir todas as emendas num único item, transformá-lo na forma electrónica apropriada (PDF, *PowerPoint*, HTML, LaTeX, etc.) e publicar. (Por vezes o processo tornava ao início, isto é, a nossa (minha ou dele) releitura do texto “final” suscitava novas alterações.)

Em poucas palavras, foi neste padrão de actividade que se inscreveu a minha colaboração. Houve, no entanto, uma excepção: a entrada sobre M.S. Lourenço na *Wikipédia*. Tomando uma vez o lugar de autor, escrevi para o Professor a sua respectiva página biográfica na maior enciclopédia do actual espaço cibernético. Ele leu-a, emendou-a e aceitou-a – «[acerca da página: (...)] está tudo óptimo», lia-se

¹ Na altura, M.S. Lourenço era professor catedrático jubilado de lógica e filosofia da matemática na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

numa mensagem que me enviou no início de 2008². Contudo, em rigor, o Professor Lourenço “leu, emendou e aceitou” o quê?

Os (supracitados) três projectos *em linha* decorreram nos seus últimos cinco anos de vida, entre 2005 e 2009, e impôs a oportunidade que aparecessem segundo esta sucessão: (finais de 2005) sítio pessoal associado ao Departamento de Filosofia³; (Maio de 2007) página na enciclopédia universal *Wikipédia*⁴; e (Agosto de 2008) participação na enciclopédia matemática *PlanetMath*⁵ – com treze ensaios (escritos em língua inglesa) sob o seu antigo pseudónimo literário «gripskoff». No último ano de intensa actividade intelectual do Professor Lourenço, em 2008, quer o website pessoal quer a *PlanetMath*, eram os seus projectos favoritos e aos quais dedicava mais tempo, quase todo o seu tempo. Na verdade, o Professor não estava interessado em afazeres biográficos⁶ – o que explica a atenção (importante ainda que) pontual que dedicou à “sua” *wiki page*. Ele queria pensar, escrever, publicar e discutir os seus

² Eis o conteúdo (relevante) da mensagem de correio electrónico que recebi, nessa data, do Professor Lourenço: «para a página da *Wikipédia* tenho apenas a dizer o seguinte: está tudo óptimo mas venho pedir que retire da lista dos meus interesses o item "teoria da literatura". "Grã-Cruz" designa o grau do cavaleiro na hierarquia da Ordem. Mas a Ordem Militar de Sant'Iago da Espada é acessível através do Google.»

³ Cf. <<http://www.fl.ul.pt/pessoais/mslourenco>>. O website – “M.S. Lourenço: Filosofia da matemática” – foi construído por mim no ano de 2005 e funcionou, em essência, como suplemento didáctico das suas actividades lectivas regulares. A nota de abertura era clara: «Nesta página encontra material de apoio usado em aulas de Lógica ou de Filosofia da Matemática, nos últimos anos no Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. É de esperar que a análise informal de alguns destes tópicos seja acrescentada de acordo com as necessidades mais aparentes.» Esta última frase suponha, à partida, um contacto interactivo imprescindível (via electrónica) entre os leitores e o autor do sítio. A hipótese foi largamente gorada: durante os quase cinco anos de publicações, o Professor recebeu, no máximo, dez comentários ou pedidos de clarificação. A sua participação activa na enciclopédia *PlanetMath*, porém, revelou-se bem diferente. O Professor Lourenço chegou a dizer-me que tinha tido mais feedback crítico com os treze artigos que escreveu para a *PlanetMath* do que em toda a sua carreira académica em Portugal.

⁴ Cf. <http://pt.wikipedia.org/wiki/M._S._Lourenço>. A *Wikipedia: The free encyclopedia* foi criada no dia 15 de Janeiro de 2001 (na sua versão inglesa original) pelo empresário Jimmy Wales e pelo filósofo Larry Sanger. O principal objectivo dos fundadores – antes publicaram uma versão falhada da mesma ideia (uma enciclopédia universal livre), a *Nupedia* – era desenvolver uma plataforma gratuita que facilitasse o acesso (por meio de colaboração e edição compartilhada entre os seus utilizadores) à educação e ao conhecimento. Hoje a *Wikipedia* está disponível em 272 idiomas e contém mais de 16 milhões de entradas.

⁵ Cf. <<http://planetmath.org/?op=getuser&id=21395>>. A comunidade colaborativa matemática *PlanetMath* apresenta-se ao público sob o slogan «Math for the people, by the people». O intento básico dos seus fundadores, Nathan Egge e Aaron Krowne, reproduz a linha de força da *Wikipedia* mas com uma restrição sobre a natureza dos conteúdos admitidos e, em geral, visando um nível crítico mais apurado que o da *Wikipedia*: tornar o conhecimento matemático acessível e livre, sem penhorar o seu necessário rigor. Actualmente fazem parte da *PlanetMath* cerca de 24 mil utilizadores, sendo o seu instrumento mais visível uma enciclopédia – o sítio também disponibiliza (entre outras matérias) livros e fóruns de ajuda ou de discussão para pessoas interessadas em questões matemáticas.

⁶ Aproveitando um dos habituais telefonemas, à tardinha (Agosto de 2008), tentei saber se o Professor Lourenço aprovaria ou recusaria uma eventual biografia lourençiana como tema de tese de doutoramento. A sentença foi inequívoca: «Ainda é cedo... Estou preocupado com o que vou ainda fazer; e não com o que fiz. É melhor pensar noutra coisa.» Nessa mesma conversa também se discutiu a dificuldade de enquadramento disciplinar do tema – ele tinha muitas dúvidas que tal projecto fosse aceite em filosofia.

trabalhos com outros, interessados nos mesmos problemas e conceitos que ele. Era a sua prioridade⁷.

Quase a meio de 2007, ao cabo de mais de dois anos de trabalho, o *website* do Professor Lourenço (sob o friso inovador «filosofia da matemática»)⁸ continha já bastante material. (A participação na *PlanetMath*, entretanto, ainda não arrancara.) Nessa altura, em esboço grato pela honra da minha colaboração, ofereci ao Professor Lourenço – por ocasião do seu discreto septuagésimo primeiro aniversário, celebrado no dia 13 de Maio de 2007 – uma singela página na *Wikipédia*, intitulada, *tout court*, «M.S. Lourenço». Tratava-se de uma notícia biográfica com o desígnio esperançoso de aumentar a visibilidade pública da sua poliédrica obra. Ou seja, tentava-se trazer à luz o autor académico (enquanto tradutor e professor nas áreas da lógica e da filosofia da matemática) e o autor literário (enquanto escritor). Procurei também, na prática, que a nova página pudesse conquistar mais visitantes para o seu *website*. Hoje estas são justamente as duas páginas lourencianas que cativam o maior número de visitas no vasto universo *Web*.

De um ponto de vista documental, esta exposição do artigo wikipediano sobre M.S. Lourenço poderá aproveitar aos seus estudiosos, talvez, no (até agora escondido) seguinte aspecto: o conjunto de correções explicitamente determinado pelo autor e que eu introduzi à letra no texto primitivo, ao longo de dois anos. O problema actual é que as emendas ordenadas pelo Professor Lourenço – na verdade, *eliminações, substituições e adendas*⁹ –, na versão corrente da página, acham-se dissolvidas ou indeterminadas. Acredito, por isso, que o desvelar preciso das modificações autorais¹⁰ suprime tal problema de definição.

De facto, entre Maio de 2007 e Fevereiro de 2009, o Professor Lourenço ditou-me (quase sempre por telefone) diversas emendas. Inseri¹¹ as primeiras melhorias logo no dia da criação da página (13 de Maio). Outras se seguiram. Aquela que viria a

⁷ Certo dia, numa conversa que tivemos depois de um seminário de pós-graduação, queixei-me sobre a fatigante corrida (e que me sentia *sempre* a correr) atrás do tempo. O Professor Lourenço tudo ouviu, com ar imperturbável, no seu fato preto exemplar, e respondeu-me depois tranquilamente: «Sabe, a maioria das pessoas vive como se a vida fosse infinita. Mas não é. Esse é o problema. Tem de estabelecer prioridades.»

⁸ A página contém diversos ensaios, traduções, cursos, *links* e excertos de trabalhos que o Professor Lourenço publicou (ou antecipava publicar). Na altura, em finais de 2005, foi uma das primeiras páginas pessoais electrónicas no Departamento de Filosofia (FLUL). Continua hoje a ser, passados cinco anos sobre a data da sua fundação, no que diz respeito às áreas particulares da lógica matemática e da filosofia da matemática, um paradigma no contexto académico português.

⁹ Alguns (raros e identificados) acréscimos (de natureza biográfica) foram propostos por terceiros (*i.e.* não por mim ou pelo Professor Lourenço). Eu tive o cuidado de relatar a inclusão dessas frases e o Professor, depois de as ler, disse-me que estavam bem e que podiam ficar. Cf. a nota 14 (adiante).

¹⁰ É possível consultar o histórico completo das sucessivas edições aqui (a *Wikipédia* guarda e disponibiliza todos os registos de edição das suas *wiki pages*):

[<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=M._S._Lourenço&action=history>](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=M._S._Lourenço&action=history).

¹¹ Em todas as modificações que introduzi na página em apreço utilizei o mesmo nome de utilizador, a saber, «Nj».

ser a *última edição* do texto corrigido e aceite pelo autor data de 17 de Fevereiro de 2009 e, na sua versão literal e integral, dizia o seguinte (**cor azul**)¹²:

[A. Quadro biográfico sumário (topo, justificado à direita):]

Nascimento: 1936, Sintra, Portugal

Ocupação: Filósofo e Tradutor

Escola/Tradição: *Philosophia mathematica*, Leibniz

Principais interesses: Filosofia da matemática, Lógica, Matemática, Filosofia da ciência, Filosofia austríaca

Prémios: Prémio D. Dinis da Casa de Mateus, 1991

Página oficial: MSL [ligação: <http://www.fl.ul.pt/pessoais/mslourenco>]

[B. Cabeçalho (topo, justificado à esquerda):]

M.S. Lourenço (n. Sintra, 1936) é um filósofo, tradutor e escritor português, actualmente retirado do quotidiano académico como professor catedrático de Lógica e Filosofia da Matemática no Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

[C. Índice (debaixo do cabeçalho, justificado à esquerda):]

Índice

- 1. Biografia
- 2. Obra
- 2.1 Literatura
- 2.2 Tradução
- 2.3. Lógica
- 3. Notas
- 4. Ligações Externas

[D. Texto (debaixo do Índice) relativo ao ponto 1.:]

Biografia

Manuel António dos Santos Lourenço licenciou-se, em 1963, com a tese *A filosofia da matemática de Ludwig Wittgenstein*. Entre 1965 e 1968 foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian. Fez os seus estudos pós-graduados em Oxford (Master of Arts) sob a orientação de Michael Dummett, durante a qual preparou a antologia *O teorema de Gödel e a hipótese do contínuo* (F. C. Gulbenkian, 1979) e uma tradução portuguesa das duas obras clássicas de Ludwig Wittgenstein, *Tratado lógico-filosófico e Investigações filosóficas* (F. C. Gulbenkian, 1987). Em 1980, doutorou-se na Universidade de Lisboa (em Letras) com a dissertação *Esponganeidade da razão: A analítica conceptual da refutação do empirismo na filosofia de Wittgenstein* (editada em 1986 pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda). Ocupou um cargo de Leitor de português nas Universidades de Oxford (1968-1971) e da Califórnia (Santa Bárbara, EUA; 1972-1975), leccionando depois (1976-1980) na Universidade do Estado de Indiana (EUA) e mais tarde (1983-1984) na Universidade de Innsbruck (Áustria). Foi ainda Fellow (1979-1980) no National Humanities Center (Chapel Hill, EUA). Entre 1999 e 2004 presidiu à Sociedade Portuguesa de Filosofia. A sua actividade de ensino foi quase exclusivamente preenchida com a divulgação da Filosofia da Matemática e da Lógica. M. S. Lourenço é, do seu

¹² Esta versão (de 17 de Fevereiro às 12h21m) é consultável através da ligação seguinte:

<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=M._S._Lourenço&oldid=14243520>,

a qual corresponde ao texto em azul; dentro de parênteses rectos inclui-se informação complementar e uma estrutura que divide o texto em oito partes: de **A** a **H**. A forma textual original de 17 de Fevereiro, como o leitor poderá verificar, contém cinco erros (i-v) tipográficos: (i) parte **A**: no lugar de «prémio» (o quadro suporta apenas o português do Brasil) deve ler-se «prémio»; (ii) parte **D**: inexistência de um espaço entre as expressões «...Center» e «(Chapel...)»; (iii) parte **E**: em vez de «...Upsala Ouaria detta...» deve ler-se «...Upsala ou Aria detta...»; (iv) parte **E**: em vez de «...Pizões» deve ler-se «Pisões»; (v) parte **E**: há um ponto final desnecessário a seguir à nota número cinco.

casamento com Manuela Lourenço (1937-1998), pai da bailarina Catarina Lourenço (1965-) e do helenista, ensaísta e professor universitário Frederico Lourenço (1963-); e, do casamento com Sylvia Wallinger (1948-), pai de Leonora Wallinger Lourenço (1981-2001). É ainda detentor das seguintes Ordens: Grã-Cruz da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada e Cruz de Honra de I Classe da República da Áustria.

[E. Texto (debaixo de 1.) relativo aos pontos 2.1, 2.2 e 2.3:]

Obra

Literatura

- *O desequilibrista*, 1960.
- *O doge*, 1962 (reditado em 1998).^[1]
- *Ode a Upsala Ouaria detta la frescobalda*, 1964.
- *Arte combinatória*, 1971.
- *Pássaro paradípsico*, 1979.^[2]
- *Wyrham Abbey*, 1974.
- *Nada brahma*, 1991.
- *Os degraus de Parnaso*, 1991 (reditado em 2002).
- *O caminho dos Pizões*, no prelo (Assírio & Alvim).

Tradução

- William & Martha Kneale, *O desenvolvimento da lógica*, 1962.
- Romano Guardini, *O fim dos tempos modernos*, 1964.
- James Joyce, *Finnegans wake*, I, 3, 1968.^[3]
- Kurt Gödel, *O teorema de Gödel e a hipótese do contínuo*, 1979.^[4]
- Ludwig Wittgenstein, *Tratado lógico-filosófico, Investigações filosóficas*, 1987.

Lógica

- *Espontaneidade da razão: a analítica conceptual da refutação do empirismo na filosofia de Wittgenstein*, 1986.
- *Teoria clássica da dedução*, 1991.
- *A cultura da subtileza: aspectos da filosofia analítica*, 1995.
- *Estruturas lógicas de primeira ordem*, 2003.
- *Os elementos do programa de Hilbert*, 2004.
- *Acordar para a lógica matemática*, 2006.^[5]

[F. Notas (debaixo de 2.3) textuais relativas aos pontos 2.1, 2.2 e 2.3:]

Notas

1. O livro está assinado com o pseudónimo ‘Arquiduque Alexis Christian von Gribskoff’.
2. O poema foi ilustrado por Mário Cesarin.
3. A tradução parcial (a primeira página) de *Finnegans wake* foi publicada na revista *O tempo e o modo*, nº 57/58, pp. 243-244.
4. O tradutor prepara uma segunda edição (revista e ampliada) desta antologia.
5. O livro contém uma bibliografia comentada pelo autor, “Os meus clássicos”.

[G. Ligações electrónicas exteriores (debaixo de 3.) às páginas da Wikipédia; ponto 4:]

Ligações Externas

- Página pessoal de M.S. Lourenço.
[Ligaçao electrónica: <http://www.fl.ul.pt/pessoais/mslourenco.>]
- Lista de textos de Gödel traduzidos por MSL.
[Ligaçao electrónica: <http://www.fl.ul.pt/pessoais/mslourenco/texgod.htm.>]
- Artigo de MSL: "Génese e vocabulário da filosofia da cultura de Wittgenstein".
[Ligaçao electrónica: <http://disputatio.com/articles/S01-2.pdf.>]

- Miguel Tamen: Entrevista com M.S. Lourenço (in A. M. Feijó & M. Tamen (eds.) *A Teoria do programa. Uma homenagem a Maria de Lourdes Ferraz e a M. S. Lourenço*. Lisboa: Programa em Teoria da Literatura. 2007; pp. 313-64).

[Ligaçao electrónica: http://www.fl.ul.pt/pessoais/mslourenco/entrevista_tamen_MSL.pdf.]

[**H.** Categorias anexadas à página (fundo):]

Lógicos; Professores de Portugal; Filósofos de Portugal; Tradutores de Portugal; Escritores de Portugal

Segue-se a colecção completa de revisões autorais, apresentada sob a forma de uma tabela, a qual proporciona a visão de conjunto de todos os movimentos realizados na página durante o período em que o Professor Lourenço teve a última palavra. A tabela é interpretável de acordo com a legenda seguinte:

- 1.^a Coluna (à esq.): Data e hora exactas da alteração de texto.
- 2.^a Coluna: Parte textual¹³ em que ocorre a alteração.
- 3., 4.^a e 5.^a Colunas: Tipo de alteração realizada, i.e., **eliminação (a vermelho)**, **substituição (a azul)** ou **adenda (também a azul)**¹⁴.

DATA	PARTE	ELIMINAÇÃO	SUBSTITUIÇÃO	ADENDA
13.V.2007, 21h56m ¹⁵	A	«Filosofia analítica»	« <i>Philosophia mathematica</i> , Leibniz»	–
	B	«[...] ensaísta e poeta [...]»	«[...] escritor [...]»	–
	C	«Poesia» e «Ensaio»	«Literatura»	–
	C	«Filosofia»	«Lógica»	–
	D	–	–	«[...Santa Bárbara, EUA]; 1972-75 [...]»
	D	–	–	«[...leccionando depois (] 1976 [-1980)...]»
	D	–	–	«Foi ainda Fellow (1979-1980) no National Humanities Center (Chapel Hill, EUA).»
	H	«Ensaístas de Portugal» e «Poetas de Portugal»	«Escritores de Portugal»	–
13.V.2007, 23h57m ¹⁶	F	«[1. O] ensaio [...]»	«[1. O] livro [...]»	–
14.V.2007, 00h00m ¹⁷	A	«Literatura [austríaca]»	«Filosofia [austríaca]»	–

¹³ Isto é, a parte relativa à descrição classificativa introduzida na nota anterior (12) – partes **A** a **H**.

¹⁴ As alterações indicadas na tabela não incluem modificações tipográficas (e.g. inclusão de parênteses curvos) ou de estilo (e.g. substituição de letra maiúscula por minúscula). As adendas dos dias 14.VI.2007, 21.VIII.2007 e 23.VI.2008 foram efectuadas não por mim, mas por um (ou mais?) utilizador(es) não identificado(s); apesar de ter manifestado alguma surpresa acerca do rigor biográfico das sugestões, o Professor Lourenço decidiu mantê-las tal como foram escritas.

¹⁵ Cf. <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=M._S._Lourenço&oldid=6047678>.

¹⁶ Cf. <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=M._S._Lourenço&oldid=6048986>.

¹⁷ Cf. <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=M._S._Lourenço&oldid=6049004>.

21.VIII.2007, 00h01m ¹⁸	D	–	–	«M. S. Lourenço é ainda pai da bailarina Catarina Lourenço e do helenista, ensaísta e professor universitário Frederico Lourenço.»
28.X.2007, 21h13m ¹⁹	A	–	–	[Inserção de um imagem de MSL (ca. 1991); autor: João Tabarra]
28.X.2007, 21h32m ²⁰	A	–	–	«[Ocupação:] Filósofo e Tradutor»
28.X.2007, 21h38m ²¹	A	–	–	[Inserção de título na imagem de MSL:] «M.S. Lourenço, casa de Sintra»
29.I.2008, 07h01m ²²	D	«[...é] ainda [pai da...]»	–	–
	D	–	–	«É ainda detentor das seguintes Ordens: Grã-Cruz da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada e Cruz de Honra de I Classe da República da Áustria.»
3.II.2008, 21h48m ²³	A	«Teoria da Literatura»	–	–
	D	«[...com] uma [tese] sobre [“A filosofia da matemática de...”]»	«[...com] a [tese “A filosofia da matemática de...”]»	–
23.VI.2008, 14h57m ²⁴	D	–	–	«[M. S. Lourenço é], do seu casamento com Manuela Lourenço (1937-1998), [...]»
	D	–	–	«[Catarina Lourenço] (1965-) [...]»
	D	–	–	«[Frederico Lourenço] (1963-); e, do casamento com Sylvia Wallinger (1948-), pai de Leonora Wallinger Lourenço (1981-2001).»
12.II.2009, 18h46m ²⁵	E	–	–	«O caminho dos Pizões, no prelo (Assírio & Alvim).»
17.II.2009, 12h21m ²⁶	G	–	–	«Miguel Tamen: Entrevista com M.S. Lourenço (in A. M. Feijó & M. Tamen (eds.) A Teoria do programa. Uma homenagem a Maria de Lourdes Ferraz e a M. S.

¹⁸ Cf. <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=M._S._Lourenço&oldid=7217007>.

¹⁹ Cf. <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=M._S._Lourenço&oldid=8093419>.

²⁰ Cf. <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=M._S._Lourenço&oldid=8093677>.

²¹ Cf. <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=M._S._Lourenço&oldid=8093768>.

²² Cf. <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=M._S._Lourenço&oldid=9136356>.

²³ Cf. <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=M._S._Lourenço&oldid=9228419>.

²⁴ Cf. <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=M._S._Lourenço&oldid=11174200>.

²⁵ Cf. <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=M._S._Lourenço&oldid=14184917>.

²⁶ Cf. <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=M._S._Lourenço&oldid=14243520>.

17.II.2009, 12h21m ²⁷	G	-	-	Lourenço, Lisboa: Programa em Teoria da Literatura. 2007; pp. 313-64.)»
-------------------------------------	---	---	---	--

A minha preocupação fundamental foi clarificar o contraste material entre o que construí como notícia biográfica wikipédiana de M.S. Lourenço, na primavera de 2007, e a sua correspondente versão de Fevereiro de 2009. Esta (conforme chamei) “última edição”, transcrita (acima) integralmente, detém pois a saliente propriedade de ter sido lida, corrigida e aprovada pelo Professor M.S. Lourenço.

Há um último dado que gostaria de dar a conhecer. No dia 9 de Fevereiro de 2008 recebi (pelo correio electrónico do Professor) a mensagem seguinte:

Acabo de encontrar num artigo do Prof. Kreisel que o nome da tradição a que pretendo pertencer se chama *Mathesis Universalis* e não *Philosophia Mathematica*! Esta tradição está documentada e estudada na obra de Heinrich Scholl, *Mathesis Universalis, a filosofia como ciência de rigor* (1961).

Após alguma pesquisa *online*, descobri que o «artigo» de Georg Kreisel era, afinal, uma recensão²⁸ da obra filosófica reunida de Heinrich Scholz (e não “Scholl”), *Mathesis Universalis: Abhandlungen zur Philosophie als strenger Wissenschaft*²⁹. No fecho de um comentário vago, que reflectia o desabrido das minhas primeiras leituras (quer da *review* kreiseliana, quer de dispersos artigos sobre Scholz), formulei três perguntas: “A que se refere ao certo a expressão *philosophia mathematica*?”; “Que diferença conceptual há entre *mathesis universalis* e *characteristica universalis*?”; “Que papel desempenha a filosofia e a matemática nessas expressões?”. O Professor Lourenço decomponhou o meu terno de questões em cinco pontos, no que se aproxima de um sucinto *scholium*, respondendo-me (a 10 de Fevereiro) como a seguir se pode ler:

i) A expressão *Philosophia Mathematica* tem sido usada por mim (e por outros ignorantes) para o nome da tradição iniciada por Platão e em que o artigo de fé n.º 1 é que só pode estudar filosofia quem já estudou matemática. Como se vê pela obra de H. Scholz, esta tradição tem há séculos o nome de *Mathesis Universalis* e é só a ignorância da história que me (nos) faz usar *Philosophia Mathematica*.

²⁷ Cf. nota (26) anterior.

²⁸ Kreisel, Georg, [Review untitled]. *The Journal of Symbolic Logic*, vol. 28, n.º 4, 283-288, 1963.

²⁹ Scholz, Heinrich, *Mathesis universalis. Abhandlungen zur Philosophie als strenger Wissenschaft*, 1961. Scholz (1884-1956) estudou (em Berlim) primeiro teologia e filosofia da religião; em 1921, depois de encontrar, por acaso, os *Principia Mathematica* de Russell e Whithead, fascinado pelo espírito de clareza e precisão da nova disciplina, Scholz reajusta os seus interesses para o estudo da lógica matemática; em 1924, inscreve-se (Kiel) nos cursos de matemática e física teórica de modo a poder corrigir as falhas da sua formação inicial. Já em Münster, onde viria a formar e a dirigir um centro de lógica matemática (que fez escola), obtém (1943) a primeira cadeira alemã de «*mathematische Logik und Grundlagenforschung*».

ii) *Characteristica Universalis* é o nome de um projecto de Leibniz, outras vezes com o nome de *lingua philosophica*, por meio do qual o pensamento descobre a verdade. Ele próprio disse ter descoberto com ela o cálculo infinitesimal e antecipado a teoria dos conjuntos (com o seu cálculo da inclusão). [...]

iii) Eu tenho usado *filosofia matemática*, *mathematical philosophy*, *mathematische Philosophie* (em português, inglês ou alemão) para denotar o tratamento matemático de temas filosóficos tradicionais. Ex.: O que é Verdade? Resposta: Teorema de Tarski. Reconheço que no entanto o seu âmbito é praticamente sinónimo com lógica matemática. Uma das minhas reservas é que o tema predominante da lógica matemática de hoje (computabilidade) não provém da tradição filosófica.

iv) Não se sabe qual é a configuração real da *Characteristica* de Leibniz. Mas segundo Wang, Gödel estudou tudo o que estava disponível sobre a *Characteristica* e chegou à conclusão que Leibniz decidiu não revelar o sistema ao público.

v) O artigo de fé n.º 2 é que a matemática e a filosofia partilham dois métodos, a demonstração formal e a análise conceptual.³⁰

Tomando por fundo este “escólio” metafilosófico, e à guisa de coda interpretativa³¹, queria agoraadir algumas observações. A primeira é distinguir o tom dominante do texto, que é emitido pela relação entre a matemática e a filosofia – a influência das duas disciplinas foi simultânea e contínua na actividade académica de M.S. Lourenço. É, aliás, essa relação que serve de base para a melhor compreensão das teses metafilosóficas traçadas, as quais se cristalizaram em resultado do estudo detalhado que o Professor Lourenço fez da obra matemática e filosófica de Gödel.

Para os leitores da sua última entrevista, quase testamentária³², os dois enunciados «artigos de fé» não causam surpresa. E a mesma impressão (*déjà vu*) se tem de verificar no círculo dos que foram seus alunos, colegas ou apenas leitores das suas traduções e trabalhos didácticos. Topava-se a boa distância que sem (algum) conhecimento matemático não se podia compreender o que o Professor dizia ou fazia, tanto nas aulas como nos livros³³. Esse público podia ver e ouvir *em acto* algo que o

³⁰ O uso dos tipos de letra “negrito” e “italíco” (*i-v*) é do próprio Professor.

³¹ Tento alcançar uma compreensão mínima, considerando especialmente os trabalhos do seu último período de actividade intelectual (*i.e.* da primeira década do século XXI), do que o Professor Lourenço quis dizer ao pretender pertencer a uma certa tradição, a que ele chamou (primeiro) de «*philosophia mathematica*, Leibniz» e (por fim) «*mathesis universalis*».

³² Tamen, Miguel, “Entrevista com M.S. Lourenço”, 2007, 313-64.

³³ A tese da matemática como condição necessária para os estudos filosóficos, na sua dimensão prática (e polémica), é desenvolvida na entrevista dada a Miguel Tamen: «[A] minha recomendação seria revitalizar a prática em curso na Academia de Platão: entrar para uma licenciatura em filosofia só depois da conclusão de uma licenciatura em matemática. Isto faria de um filósofo um portador de duas licenciaturas, actualmente um período de estudo de doze semestres, o qual é um intervalo de tempo razoável para tentar cruzar ideias em duas disciplinas difíceis.» No discurso da sua *Festschrift*, organizado pelo programa em teoria da literatura da FLUL, o Professor defendeu a obrigatoriedade de um curso de lógica em teoria da literatura (a par do que já é feito e reconhecido em ciências da computação ou linguística). A certo passo, a

próprio M. S. Lourenço «pressentiu» logo na puberdade: a «consonância da matemática com a filosofia». Era uma relação íntima e deslumbrante, descoberta por ele antes dos 13 anos de idade. Vale a pena evocar a história desse precoce acordar:

O acontecimento mais importante da minha biografia intelectual de adolescente foi completamente extra-curricular: encontrei, na única livraria que havia em Sintra, um livro em francês, cujo título continha uma combinação de palavras para mim tão enigmática como a Esfinge: *Introduction à la Philosophie Mathématique* de Bertrand Russell.³⁴

Surgia, pois, um nome para a «consonância» de dois universos conceptuais aparentemente incongruentes. Um nome de livro que se transfiguraria, pouco a pouco, em rostos e corpos humanos – primeiro: Lisboa; depois: Oxford. O mesmíssimo nome escolhido, já nos últimos anos de vida, para designar a sua filiação filosófica.

Até ser admitido em Oxford – lugar onde colhe uma robusta formação filosófica e matemática sob a orientação de Michael Dummett (na altura, 1965, Reader em filosofia da matemática) –, a sorte (ou o *Sopro*, como ele preferia dizer) soprou três pessoas importantes para a sua jovem biografia de autodidacta filósofo-matemático: Ernestine Kohlmorgen³⁵, Eduardo Veloso³⁶ e Vieira de Almeida³⁷. Na companhia destas figuras próximas, vieram outras, mais distantes: Hilbert, Bourbaki ou Godement – e outras, ainda mais longínquas: Platão, Aristóteles ou Wittgenstein.

bem dos padrões de análise da disciplina, disse que a teoria da literatura tinha que acordar para o reconhecimento de que «só há teoria onde há argumentação, mas que não há argumentação sem lógica».

³⁴ Tamen, *ibid.* Adiante, continua o Professor Lourenço: «Os meus interesses começaram a definir-se logo no início da puberdade e a filosofia matemática de Russell passou a ser a estrela da minha orientação de tal modo que, quando entrei para a licenciatura em filosofia em Lisboa, os meus focos de interesse já estavam definidos pela primeira *apenas pressentida* consonância da matemática com a filosofia».

³⁵ «[...] Frau Ernestine Kohlmorgen, que ensinava [em regime de ensino secundário «doméstico»] não só alemão mas também matemática e física. [...] Assim mesmo já depois do meu ingresso na Universidade de Lisboa, continuei o meu estudo da matemática com ela [que estudou «filosofia em Hamburgo e matemática em Göttingen】. Foi de resto em sua casa que pela primeira vez estudei os *Grundzüge der theoretischen Logik* de Hilbert e Ackermann.»; Tamen, *ibid.*

³⁶ «Mas do ponto de vista do conhecimento, o encontro importante para o meu desenvolvimento posterior foi com Eduardo Veloso, que tinha frequentado em Paris o seminário Bourbaki e era na altura assistente em matemática na Faculdade de Ciências. Foi ele quem me iniciou na teoria dos conjuntos e na álgebra e de quem ouvi, pela primeira vez, falar de um novo fundamento para a matemática, a teoria das categorias.»; Tamen, *ibid.*

³⁷ Numa entrevista de 1991, realizada por Nuno Nabais na casa de Sintra do Professor Lourenço, este disse: «Eu identifiquei imediatamente o Professor Vieira de Almeida como o melhor professor do Instituto e a pessoa que em mim exerceu a melhor influência, porque precisamente aprovou a escolha dos problemas que ainda hoje trabalho. [...] Quando entrei no Departamento de Filosofia como aluno, foi nas aulas dele [de Vieira de Almeida] que eu tomei mais consciência do meu interesse por problemas de filosofia da matemática e filosofia da lógica. [...] Foi, de facto, nas aulas dele que os meus interesses por aqueles problemas se tornaram verdadeiramente incontroláveis, adquirindo assim uma dimensão metapsossoal.» (Nabais, Nuno, “Entrevista com o Professor M.S. Lourenço”, 1993, 137-138.)

Ao chegar a Christ Church, M.S. Lourenço tirava da bagagem (além da literatura) um especial feixe de interesses em filosofia: os problemas da filosofia da matemática e da filosofia da lógica.

Em olhar retrospectivo, numa entrevista de 1991 – *annus mirabilis*³⁸ –, o Professor Lourenço confessa que para ele «sempre tinha sido claro» que «não tinha vocação de matemático profissional»:

Tinha um interesse, que eu não sabia definir na altura, por problemas de matemática mas que não eram os de um matemático.³⁹

Este interesse pela matemática mas que não é o de um matemático profissional captura a essência (e é um belo desdobrar) da outrora enigmática combinação russelliana: «*mathematical philosophy*». No livro de 1919, escrito na prisão, Russell opõe as duas direcções possíveis em matemática, uma «construtiva» (que visa a crescente complexidade) e a outra, «menos tradicional», a “filosofia matemática”, que «procede, por análise, tendo em vista uma maior abstracção e simplicidade lógicas»; entre os dois modos não há uma diferença de objecto, apenas de «estado de espírito [ou de atitude] do investigador», que busca os princípios e as ideias mais gerais⁴⁰. (Afora o travo *logicista* do livro – uma posição em geral rejeitada pelo Professor Lourenço⁴¹ –, a sua leitura foi sempre recomendada: «a fim de aprender a escrever frases claras sobre problemas obscuros»⁴².)

Completado o período formativo oxoniano (1965-1970), os protagonistas da sua biografia académica futura estavam já determinados e, como seria de esperar, eram modelos do ideal da filosofia matemática: Ludwig Wittgenstein e Kurt Gödel⁴³.

³⁸ M.S. Lourenço publicou três obras em 1991: o seu último livro de poesia, *Nada Brahma*; uma colectânea de escritos para o semanário *O Independente*, intitulada depois (em livro) *Os degraus de Parnaso* (com o qual receberia o Prémio D. Dinis 1991); e a *Teoria clássica da dedução*, onde apresenta uma versão didáctica da lógica de 1.^a ordem de Hilbert-Bernays.

³⁹ Nabais, 1993, 38.

⁴⁰ Cf. Russell, Bertrand, *Introduction to mathematical philosophy*, 1919, chap. 1.

⁴¹ «[A] lógica é [...] uma parte da matemática». Lê-se ainda na última entrevista do Professor Lourenço (2007): «[...] A lógica não é uma disciplina autónoma, diferente e conceptualmente anterior à matemática, e [...] por isso a matemática não pode ser explicada pela lógica, como quem explica um fenómeno particular pela adjunção de uma lei geral.» A filosofia estruturalista da matemática é a corrente filosófica que mais se aproximou da sua concepção pessoal acerca do que é a matemática, em particular, a epistemologia abstraccionista e a teoria holista do sentido dos estruturalistas: «[...] não existe conhecimento de um objecto antes de se conhecer a estrutura em que ele actua e [...], portanto, o conhecimento da estrutura precede epistemologicamente o conhecimento do objecto», Tamen, *ibid*. Cf. Lourenço, 2003; Lourenço, 2006c; e Lourenço, 2006d.

⁴² Cf. Lourenço, 2006b, 190.

⁴³ *Grosso modo*, os anos 70 e a primeira década do século XXI foram dedicados a Gödel (Lourenço: 1966a; 1972; 1979 (2.^a ed. 2009); 2001; 2004; 2006a; 2007; 2008-9); e a década de 80 e 90, a Wittgenstein (Lourenço: 1980; 1986; 1987; 1995; 1996; 1998a; 1998b). Na entrevista publicada em 1993, Wittgenstein é interpretado como filósofo da matemática e da lógica.

Igualmente brilhantes na constelação de interesses lourenciais (e eis, de novo, a realização da ideia de filósofo-matemático), contam-se, olhando só para os séculos XIX e XX: Bernays, Boole, Brentano, Brouwer, Carnap, Church, Frege, Hilbert, Kreisel, Quine, Russell, Schlick, Tarski ou Turing. De um ponto de vista panorâmico, estes autores são relacionáveis tanto pela partilha (da natureza) dos problemas investigados (geralmente envolvendo ao mesmo tempo a matemática e a filosofia), como pela semelhança da direcção de resolução (*i.e.* a metodologia de ataque) de tais problemas: a análise conceptual armada logicamente (ou seja, fazendo uso explícito ou implícito de meios lógico-matemáticos). Julgo, aliás, que o talento característico do Professor Lourenço para percepcionar o interessante ou o subtil *avant-garde* – confirmado no ensino e nas publicações, por exemplo, de Wittgenstein, Gödel ou de filosofia estruturalista da matemática; ideias e resultados trazidos pela sua mão aos olhos do público (filosófico e não só) português – pode ser explicado pelo ajuste perfeito entre os seus problemas filosóficos e matemáticos.

A sua paixão intelectual por Gödel é um arquétipo da harmonia possível entre a matemática e a filosofia. Tal *flamma* produziu-se em Oxford, na segunda metade dos anos 60, e brilhou até ao fim dos seus dias⁴⁴. Os cerca de trinta trabalhos que escreveu – entre traduções, artigos ou verbetes – dando conta explícita (de alguma parte) da matemática e da filosofia desenvolvidas por Gödel são a testemunha mais imparcial do grau de intensidade dessa chama.

Dos textos filosóficos gödelianos, o Professor M. S. Lourenço admirava particularmente a chamada “Gibbs Lecture”, proferida por Gödel em Dezembro de 1951. Sobre essa conferência escreveu (em 2007) na sua página pessoal:

Trata-se do mais perfeito e acabado ensaio explicitamente filosófico de Gödel, um verdadeiro paradigma quanto ao método de análise apresentado e que se impõe através de *insights* formulados numa linguagem cristalina.

O paradigma do método de análise refere-se, obviamente, à análise conceptual, em torno da qual concentrou uma parte do seu último ensaio publicado (em revista), “Um filósofo da evidência”⁴⁵. É aí que o Professor expõe com detalhe o que seria, na perspectiva gödeliana, a teoria da «análise conceptual como o método da filosofia do futuro, da filosofia como ciência de rigor», ou seja, as teses metafilosóficas que o

⁴⁴ O primeiro fruto lourenciano do estudo das descobertas metamatemáticas de Gödel (1931) vem a lume em 1966 com o ensaio “Formalização das ciências sociais?”, publicado na revista *O Tempo e o Modo* (com uma cautelosa nota da redacção prevenindo o leitor para o carácter «especializado» do texto). No seu período final de investigação (os anos 2000), o Professor Lourenço tomou por foco os ensaios filosóficos de Kurt Gödel (1995). Para ele, Gödel era um filósofo da categoria de Frege, Hilbert ou Russell.

⁴⁵ O texto é dedicado à epistemologia de Gödel (e, tanto quanto sei, é a primeira exposição sistemática portuguesa do tema), onde se destaca a «evidência finitista», um conceito que teve por base uma linha de investigação epistemológica com origem em Brentano e que depois passou para Husserl e Bernays.

Professor M. S. Lourenço mergulhou no “escólio” (acima). Numa caracterização simplificada, dir-se-ia que tal teoria metodológica parte de «conceitos»⁴⁶ – sendo a «percepção de conceitos»⁴⁷ a sua função básica – e visa, através de «um sistema de axiomas», a «transformação de um conceito vago num conceito preciso»⁴⁸. A tarefa da filosofia consistiria, *sensu lato*, em duas fases fundamentais: uma, na determinação dos seus «conceitos primitivos» (*e.g.*, para Gödel, «causa»), a outra, na análise tão conseguida desses conceitos que fosse possível descobrir os principais axiomas que os regulam⁴⁹. A ciência, por contraste, apenas *combina* e *usa* conceitos. Deste modo, só uma filosofia exacta (do futuro), ao buscar e encontrar novos axiomas, poderá *compreender* os seus conceitos mais gerais. Mas o investigador informado tem já à sua disposição algum trabalho, que é necessário conhecer e continuar.

O Professor Lourenço assinalou o que de melhor se fez com o método da análise conceptual, trabalhos paradigmáticos: além das escolhas de Gödel (o conceito de *número* em Dedekind ou o de *função calculável* em Turing), apontou a investigação de *função calculável de tipo finito* (elaborada no *Dialectica paper* de Gödel, 1958)⁵⁰ e a análise de *função* realizada por Frege (“Was ist eine Funktion?”, 1904):

[...]O grande ensaio “O que é uma função?” [é] até hoje o melhor exemplo do que se pode conseguir com a análise conceptual [...].⁵¹

Esta curta lista de padrões de análise conceptual (as especificações de cada exemplo não são relevantes para o meu intento), é suficiente para distinguir dois dados interessantes. O primeiro diz respeito aos *resultados* e o segundo à *natureza* da análise tal como a usamos *hoje*: (*i*) a análise conceptual não é inteiramente objectiva e (*ii*) não é uma mera manipulação lógica. Para apreender (*i*) basta isolar os dois casos seguintes: o conceito fregeano de função não foi nem é adoptado pela comunidade

⁴⁶ Distingue-se a noção *extensional* de conceito (como «função» de objectos para os valores de verdade, verdadeiro e falso) da noção *intensional* de conceito (enquanto «sentido do termo predicativo pelo qual o conceito é representado»). Cf. Lourenço, 2006a, 92-3.

⁴⁷ A *percepção* ou *compreensão* de conceitos é ensinável, gradualmente, através da respectiva «correcção histórica», ou seja, evoluí consoante o desenvolvimento da nossa própria percepção, até atingir «o grau de fiabilidade com que conhecemos os objectos do mundo exterior». Cf. Lourenço, 2006a, 92. Gödel conjecturou que a percepção de conceitos é obtida directamente por um «órgão físico interno» ligado ao «centro da linguagem». Cf. Wang, 1996, 235.

⁴⁸ Cf. Lourenço, 2006a, 92-93. Eis justamente o sentido da ideia (patente no “escólio”) do uso da expressão «filosofia matemática» enquanto «tratamento matemático de temas filosóficos tradicionais».

⁴⁹ Cf. Wang, 1996, 288. Wang revela que Gödel lhe disse (em várias ocasiões) que não encontrou sequer solução satisfatória para o primeiro passo.

⁵⁰ Cf. Lourenço, 2006a, 93.

⁵¹ Lourenço, 2006b, 190. (No seu “The axioms of wisdom” (Lourenço 2009b), o Professor utiliza o vocabulário gödeliano de «percepção de conceitos» e «conceitos primitivos» para obter uma definição axiomática do conceito de sabedoria, propondo quatro axiomas: «intencionalidade», «holismo», «Graça» e «infinito actual».)

científica; e a definição tarskiana de verdade é disputada, *e.g.*, pelos intuicionistas⁵². O que falhou então? O que ficou na sombra da análise conceptual? A resposta permite ver a distinção interessante: foi a acção epistemológica que falhou. O problema é determinar e percepcionar *correctamente* os conceitos (nos exemplos acima: *função* e *verdade*); mas os recursos instrumentais da análise, as técnicas da lógica matemática (a formalização na representação sistemática dos conceitos), não erraram. Ou seja, no tempo presente, a epistemologia não está a par da lógica e, por isso, o grau de objectividade que resulta da aplicação do método conceptual, mesmo no seu grau máximo de concretização, é insuficiente para decidir definitivamente um problema. Este desequilíbrio é bem reflectido na definição do «artigo de fé n.º 2», enunciado pelo Professor Lourenço, ao distinguir a «análise conceptual» da «demonstração formal»⁵³. O ponto capital é, creio, fazer ver que a análise envolve “algo mais” que não é revelado pelo exercício mecânico da (aparelhagem dedutiva) lógica. Algo tão importante que mereceu (por parte de alguns matemáticos e filósofos, incluindo Gödel e o Professor Lourenço) a condição de “faculdade”: a *intuição matemática*. Assim, em remate da ideia (*ii*): supondo a existência de tal capacidade, a análise estaria para a intuição como a demonstração está para a dedução.

Então para que serve a análise conceptual se, de acordo com Gödel, no estado actual das coisas, ela é «subjectiva»? Por que se deve aprender e tentar continuar, *e.g.* (segundo a apreciação do Professor), o que Frege realizou com a noção de função? A resposta imediata é que ela permite diminuir a imprecisão dos conceitos. A análise, num certo sentido, obtém sempre algum tipo de resultado, o qual actualmente se pode classificar como “negativo”. Isto é, tomando um exemplo: desconhecer a teoria da verdade de Tarski é optar por uma espécie de cegueira conceptual; ou, por outro ângulo: só o conhecimento desse trabalho possibilita a adopção de uma *nova* posição interessante. Um outro exemplo, regressando à definição de função fregeana que não se impôs. O Professor Lourenço, confiando na análise de Frege, previu: «É de esperar que o debate sobre o conceito de categoria venha reavivar o interesse pela definição»⁵⁴. O alvo, com os dois exemplos, é só um:

⁵² Embora se atribua o estatuto de paradigma a estes casos de análise, isso não significa que se constituam, por si mesmos, como resultados científicos ou verdades absolutas. O Professor Lourenço sumarizou (1995, 104) o conteúdo da disputa em torno da noção de verdade: «[O conceito de verdade é] completamente eliminável em favor de um conceito intuicionisticamente muito mais interessante [...], que é o conceito de evidência intrínseca, ou *Evidenz*».

⁵³ Acerca da importância da lógica matemática, Gödel disse: «[...] Mathematical logic is important for carrying out ideas, not for finding the right ideas» (Wang, 1996, 265). Ainda sobre a questão do que é falível ou permanece incompleto em análise, Gödel defende que a razão *eo ipso* é infalível; a origem dos erros estaria nas «emoções e na educação (implícita e explícita) dos indivíduos». Cf. Wang, 1996, 291, 298.

⁵⁴ Cf. Lourenço, 2006b, 189. A ideia seria desenvolver a definição *estruturalista* fregeana de função.

a intuição matemática dirigida pelo método de análise conceptual incorpora algo de verdadeiro e, por isso, confiável.

Há ainda outra boa razão para dar continuidade ao que Frege e outros fizeram. Considerando o método *à la Gödel*, tal como foi anteriormente descrito, o querer intencionalmente procurar novos (verdadeiros) axiomas é sinal daquele estado de espírito russelliano que busca o mais abstracto e o mais universal (a atitude de quem pratica *filosofia matemática*). A análise de conceitos seria, pois, a orientação certa do pensamento. Aliás, as primeiras e últimas palavras no ensaio de Gödel sobre a «lógica matemática» de Russell (1944) apontam para um sentido *universal* leibniziano desta expressão – na tradução de M.S. Lourenço:

Por um lado [a lógica matemática] é uma parte da matemática que trata classes, relações, combinações de símbolos, etc. Por outro lado é uma ciência que é anterior a todas as outras, que contém as ideias e os princípios que são subjacentes a todas as ciências. Foi neste segundo sentido que a lógica matemática foi concebida por Leibniz na sua *characteristica universalis*, de que teria formado uma parte nuclear. [...] [Leibniz] Foi mesmo ao ponto de avaliar que tempo seria necessário [«cinco anos»] para o seu cálculo ser desenvolvido por alguns cientistas de distinção, a tal ponto que “a humanidade teria um novo género de instrumento que aumentaria os poderes da razão muito mais do que qualquer instrumento óptico tinha alguma vez aumentado o poder da visão”.

Semelhante direcção universal manifestou o Professor Lourenço para a sua eventual filosofia. Se tivesse produzido uma filosofia, não seria dele mas de «todos», seria universal⁵⁵. Em última instância, uma generalização desinibida⁵⁶ atingiria justamente o âmago da ideia de *mathesis universalis*, segundo a qual a ciência seria unificada sob um padrão (ou linguagem) universal de categorias exactas obtidas por procedimentos sistemáticos. Kurt Gödel, na sua atitude fortemente racionalista e optimista (inspirado por Leibniz), acredita que apesar da ideia de um cálculo do pensamento capaz de resolver *todos* os problemas ontológicos e epistemológicos (*i.e.* *mathesis universalis*) não passar actualmente de uma projecção teórica, existirá no

⁵⁵ Na entrevista de 2007: «[O] meu ideal em filosofia é o ideal platónico ou de Leibniz. O seu conteúdo é a fertilização cruzada da matemática e da filosofia, de que a *characteristica universalis* era uma parte, e que é bem captado pela fórmula *philosophia mathematica*». Platão e Leibniz podem relacionar-se a partir da tese gödeliana de que «a filosofia é um estudo conceptual», ou seja, de percepção e de compreensão conceptual: «A investigação de Platão acerca da definição de conceitos é o começo da filosofia»; «Leibniz acreditou no ideal de ver os conceitos primitivos clara e distintamente». Cf. Wang, 1996, 167-8. Noutro lugar (Lourenço, 2003), é precisamente a análise conceptual que proporciona o desejável equilíbrio reconciliador entre o «foco intensivo do especialista» (próprio do filósofo “analítico”) e a «visão panorâmica» (própria do filósofo “generalista”).

⁵⁶ Do ponto de vista gödeliano, a verdadeira filosofia é mais geral que a ciência; e já a teoria axiomática dos conceitos (resultante do uso do método de análise conceptual) é mais geral que a lógica matemática (no sentido estrito da última citação de Gödel). Cf. Wang, 1996, 308.

futuro uma «filosofia científica ou exacta» que tratará dos conceitos na sua mais elevada abstracção, a qual fará pela metafísica o que Newton fez pela física⁵⁷.

Julgo que o Professor Lourenço, nos seus últimos anos, quis indicar como projecto ideal de filosofia o nome de uma «tradição» que teve diversos *slogans* e concretizações ao longo da história do pensamento enlaçado entre a filosofia e a matemática: «*mathesis universalis*» (Scholz); «*characteristica universalis*» (Leibniz); «*mathematical philosophy*» (Russell); «*philosophy as an exact theory*» (Gödel; e «*Philosophie als strenger Wissenschaft*», Brentano e Husserl). A figura de Leibniz, parece-me, foi para ele a mais seminal de todas e mereceu-lhe, por isso, a posição régia de fundador dessa tradição silenciosa e sublime a que ele quis deliberadamente pertencer⁵⁸.

Aquém da distância incomensurável dos ideais ou das intuições geniais de Leibniz, Frege ou Gödel, o exemplo do Professor Lourenço teve sempre a medida do rigor e da subtileza: (adaptando uma frase de Manuel Clemente) a verdadeira filosofia não é coisa fácil que se consiga a dormir; é preciso acordar, *Acordar para a lógica matemática*, tal foi o título da última monografia didáctica que preparou, publicada em 2006. Um ano depois, pela ocasião da sua *Festschrift*, voltou à importância fundamental da lógica; desta vez para aconselhar estudantes de literatura a ganhar tempo na aquisição de conhecimento. Recorrendo ao conselho de Mefistófeles (na Cena do Quarto de Estudo, da Parte I de *Fausto*, de J. von Goethe), para quem só a ordem faz ganhar tempo, recomendou (e esta é a realização mínima do seu «artigo de fé n.º 1»): curso de lógica! (A tradução seguinte é do Professor M.S. Lourenço e foi lida por ele nessa comemoração.)

Só a ordem deixa ganhar tempo.
Por isso, meu caro amigo, aconselho-vos
Em primeiro lugar Collegium Logicum,
O qual vai ser a Alta Escola da vossa mente,
Com arreios e botas espanholas,
Que a levam depois a chegar a um passo
Mais concentrado, no picadeiro do pensamento.

⁵⁷ Cf. Wang, 1974, 85; e 1996, 316. Creio que foi principalmente através de Gödel que o Professor Lourenço chegou ao ideal de filosofia como teoria exacta ou ciência de rigor (depois estudou Brentano e Husserl, enquanto primeiros defensores dessa concepção metafilosófica, e encontrou, enfim, a interpretação histórica alargada (até Platão) de Scholz). As teses leibnizianas surgem talvez a partir da tradução de 1972 da obra clássica dos Kneale (Lourenço, 1972). É bom não esquecer que um ano antes, em 1971, M.S. Lourenço publicou um livro de poesia intitulado, sugestivamente, *A arte combinatória*. Algumas ideias de Leibniz foram mais tarde revisitadas por ele nos escritos filosóficos de Gödel.

⁵⁸ Recordo-me de ter perguntado ao Professor Lourenço se ao eliminar a fórmula «*philosophia mathematica*» (para a substituir por «*mathesis universalis*») também se devia eliminar o nome «Leibniz». O problema era: ou se eliminava o que estava antes e se colocava apenas «*mathesis universalis*» (porque, segundo Scholz, a tradição começara na Antiga Grécia) ou não se mexia na expressão («*philosophia mathematica*, Leibniz»). O Professor (tanto quanto me é possível regressar a esse momento) disse-me então para deixar o nome da tradição como estava, com o nome de Leibniz.

Bibliografia

- Couturat, L., *Opuscules et fragments inédits de Leibniz: Extraits des manuscrits de la Bibliothèque royale de Hanovre*. Paris: Félix Alcan, 1903.
- Gödel, K., *Kurt Gödel: Collected works*, 5 vols. Org. S. Feferman et al. Oxford University Press, 1986-2003.
- Kreisel, G., [Review *untitled*]. *The Journal of Symbolic Logic*, vol. 28, n.º 4, 283-288, 1963.
- Kreisel, G., “Kurt Gödel”. *Biographical Memoirs of Fellows of the Royal Society of London*, 26, 1980, 149-224.
- Lourenço, M. S., “In Memoriam de Vieira de Almeida”. *O Tempo e o Modo*, 8, 1963.
- Lourenço, M. S., “Sobre o ensino de lógica no liceu”. *O Tempo e o Modo*, 15, 52-55, 1964.
- Lourenço, M. S., “Formalização das ciências sociais?”. *O Tempo e o Modo*, 43-44, 1966a.
- Lourenço, M. S., “Homenagem a Delfim Santos”. *O Tempo e o Modo*, 43-44, 1966b.
- Lourenço, M. S., [Tradução de *O desenvolvimento da lógica* de M. & W. Kneale. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972.]
- Lourenço, M. S., *O teorema de Gödel e a hipótese do contínuo*; 2.^a edição (revista e aumentada) organização, prefácio e tradução de M.S. Lourenço. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, (1.^a ed.: 1979) 2009.
- Lourenço, M. S., “Visão cognitiva e trabalho de reflexão na análise conceptual”. *Revista da Faculdade de Letras*, 3, 1980.
- Lourenço, M. S., “Towards the elimination of the concept of truth in analytic construction”. *Revista Portuguesa de Filosofia*, 1981.
- Lourenço, M. S., “O contorno do conceito de identidade na teoria clássica da dedução”. *Revista da Faculdade de Letras*, 4, 1985.
- Lourenço, M. S., *Espontaneidade da razão: a analítica conceptual da refutação do empirismo na filosofia de Wittgenstein*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1986.
- Lourenço, M. S., [Tradução e prefácio de *Tratado lógico-filosófico; Investigações filosóficas* de L. Wittgenstein. Lisboa: F. C. Gulbenkian, 1987.]
- Lourenço, M. S., *Teoria Clássica da Dedução*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1991.
- Lourenço, M. S., *A cultura da subtileza: Aspectos da filosofia analítica*. Lisboa: Gradiva, 1995.
- Lourenço, M. S., “Acerca do conceito de progresso em *Vermischte Bemerkungen* de Wittgenstein”. Texto policopiado, 1996.
- Lourenço, M. S., “Génese e vocabulário da filosofia da cultura de Wittgenstein”. *Disputatio*, vol. sup. 1., 1998a. (Disponível em: <<http://disputatio.com/articles/S01-2.pdf>>.)
- Lourenço, M. S., “Wittgenstein on Dedekind’s cut”. *Disputatio*, 4, 1998b. (Disponível em: <<http://disputatio.com/articles/004-5.pdf>>.)
- Lourenço, M. S., [Vinte e seis artigos]. In: Branquinho, J., e Murcho, D. (Eds.), *Enciclopédia de termos lógico-filosóficos*. Lisboa: Gradiva, 2001.
- Lourenço, M. S., “What is structuralism?”. In: Ribeiro, H. (Ed.), *Actas do 1º Encontro Nacional de Filosofia Analítica*. Coimbra: Ed. Uni. I&D Ling., Interpretação e Filosofia, 2003. (Republicado em Lourenço 2005-9 e Lourenço 2009b.)

- Lourenço, M. S., *Estruturas lógicas de primeira ordem*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2003.
(Disponível em: <<http://www.fl.ul.pt/pessoais/mslourenco/elpo.htm>>.)
- Lourenço, M. S., *Os elementos do programa de Hilbert*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2004.
- Lourenço, M. S., *Website* pessoal: “M.S. Lourenço: Filosofia da matemática”. 2005-9.
(Disponível em: <<http://www.fl.ul.pt/pessoais/mslourenco>>.)
- Lourenço, M. S., “Um filósofo da evidência”. *Boletim (SPM)*, 55, 91-103, 2006a.
(Republicado em Lourenço 2005-09 e Lourenço 2009b.)
(Secções 1-4 disponíveis em: <http://www.fl.ul.pt/pessoais/mslourenco/toplog.htm>>.)
- Lourenço, M. S., “Euler e o abstraccionismo”. 2006c.
(Disponível em: <http://www.fl.ul.pt/pessoais/mslourenco/euler_abstraccionismo_MSL.pdf>.)
- Lourenço, M. S., “Holismo: O sentido está na função-ambiente”. 2006d.
(Disponível em: <http://www.fl.ul.pt/pessoais/mslourenco/euler_holismo_MSL.pdf>.)
- Lourenço, M. S., “Consistência da aritmética: A primeira demonstração de Gödel”. In: Zilhão, A. (Ed., org. e intro.), *Do Círculo de Viena à filosofia analítica contemporânea*. Viana do Castelo: Livros da Areia, 2007.
- Lourenço, M. S., “M.S. Lourenço”. In: *Wikipédia*, 2007-8.
(Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/M._S._Lourenço>.)
- Lourenço, M. S., [Treze artigos sob o pseudônimo “gribskoff”]. In: *PlanetMath*, 2008-9.
(Disponível em: <<http://www.planetmath.org>>.)
- Lourenço, M. S., *O caminho dos Pisões*. Dionísio, J. (Ed.). Lisboa: Assírio & Alvim, 2009a.
- Lourenço, M. S., [Cinco textos]. *Disputatio*, vol. III, n.º 27, 2009b. (Volume de homenagem a M.S. Lourenço: “Da cultura da subtileza”; “Um filósofo da evidência”; “The axioms of wisdom”; “What is structuralism?”; “A refutação da teoria empírica da consciência”). Disponível em: <<http://www.disputatio.com/archive.html>>.)
- Nabais, N., “Entrevista com o Professor M.S. Lourenço”. *Argumento*, vol. III, n.º 5/6 (“Lógica, linguagem e pensamento”, Branquinho, J. (Org.)), 137-8, 1993. Republicado: *Kairos*, 1, 97-120.
- Russell, B., *Introduction to mathematical philosophy*. London: George Allen and Unwin, 1919.
- Scholz, H., *Mathesis universalis. Abhandlungen zur Philosophie als strenger Wissenschaft*. Herausgegeben von H. Hermes, F. Kambartel und J. Ritter. Basel and Stuttgart: Benno Schwabe & Co. Verlag, 1961.
- Tamen, M., “Entrevista com M.S. Lourenço”. In: Feijó, A. & Tamen, M. (Eds.), *A teoria do programa: Uma homenagem a Maria de Lourdes Ferraz e a M.S. Lourenço*. Lisboa: Programa em teoria da literatura, 2007, 313-64.
(Disponível em: <http://www.fl.ul.pt/pessoais/mslourenco/entrevista_tamen_MSL.pdf>.)
- Wang, H., *From mathematics to philosophy*. London: Routledge & Kegan Paul, 1974.
- Wang, H., *Reflections on Kurt Gödel*. Cambridge (Mass.): MIT Press, 1987.
- Wang, H., *A logical journey. From Gödel to philosophy*. Cambridge (Mass.): MIT Press, 1996.